

## **Neste Arquivo contém:**

1. Uma carta do Leitor – O desafio da qualidade
2. Três artigos
  - Você sabe o que estão ensinando a ele?
  - Prontos para o século XIX
  - A neutralidade como dever

## O desafio da qualidade

É uma conquista civilizatória para o Brasil ter a imensa maioria das crianças em idade escolar com acesso às salas de aula, merenda e recebendo de graça do governo a cada ano mais de 100 milhões de livros didáticos. Está vencida a barreira da quantidade. Agora, chegou o momento de enfrentar um desafio mais complexo, o do aumento drástico da qualidade da educação. Não se pode aceitar mais que os sistemas educacionais público e privado continuem produzindo estudantes incapazes de compreender um texto e de realizar com destreza as operações aritméticas, portais de uma vida profissional e pessoal plena.

Nesse campo, felizmente, depois de décadas de negligência surgem os primeiros e incipientes sinais de que a curva da qualidade está começando a inflexionar para cima. O Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb), indicador do MEC para aferir o nível do ensino, deu sinais de melhora. Em 2007, a nota média das primeiras séries do ensino fundamental foi 4,2. Em 2005, havia sido apenas 3,8. As notas no Enem, prova aplicada pelo MEC aos estudantes do ensino médio, também avançaram. De 37 para 51 (em uma escala de 0 a 100). Uma melhora, portanto, de 38%. Bom? Sem dúvida. Suficiente? Nem pensar. No último ranking internacional mais respeitado, os estudantes do Brasil aparecem em situações vexaminosas — 53º lugar

em matemática e 52º em ciências em uma lista de 57 países.

Para que a curva da qualidade se mantenha em alta, uma série de condições precisa ser preenchida. Uma reportagem da presente edição de VEJA aponta algumas delas. A mais importante brotou de uma pesquisa encomendada pela revista ao CNT/Sensus e diz respeito ao grau de consciência de que o ensino vai mal. Essa consciência simplesmente não existe. A pesquisa revela que 90% dos professores se acham muito bem preparados para dar aulas e que 89% dos pais com filhos em escolas particulares consideram que eles estão recebendo educação adequada. A experiência internacional mostra que a mediocridade se perpetua enquanto os pais acreditam que o sistema está uma maravilha. Não está. É hora de acordar e cobrar.



# VOCÊ SABE O QUE ESTÃO ENSINANDO A ELE?

Uma pesquisa mostra que para os brasileiros tudo vai bem nas escolas. Mas a realidade é bem menos rósea: o sistema é medíocre

MONICA WEINBERG E CAMILA PEREIRA

**V**amos falar sem rodeios. Em boa parte dos lares brasileiros, uma conversa em família flui com muito mais vigor e participação quando se decide a assinatura de novos canais a cabo, o destino das próximas férias ou a hora de trocar de carro do que quando se discute sobre o que exatamente o Júnior está aprendendo na escola. Quando e se esse assunto é levantado, ele se resumirá às notas obtidas e a algum evento extraordinário de mau comportamento, como ter sido pego fumando no corredor ou ter beliscado o traseiro da professora de geografia. O quadro acima é um tanto anedótico, mas tem muito de verdadeiro. De modo geral, com as nobilíssimas exceções que todos conhecemos, os pais brasileiros de todas as classes não se envolvem como deveriam na vida escolar dos filhos. Os mais pobres dão graças aos céus pelo fato de a escola fornecer merenda, segurança e livros didáticos gratuitos. Os pais de classe média se animam com as quadras esportivas, a limpeza e a manifesta tolerância dos filhos quanto às exigências acadêmicas muitas vezes calibradas justamente para não forçar o ritmo dos menos capazes. Uma pesquisa encomendada por VEJA à CNT/Sensus traduz essa situação em números. Para 89% dos pais com filhos em escolas particulares, o dinheiro é bem gasto e tem bom retorno. No outro campo, 90% dos professores se

90%

dos professores  
se acham bem  
preparados para  
dar aulas

89%

dos pais consideram  
receber das escolas um  
bom serviço em troca  
do que pagam

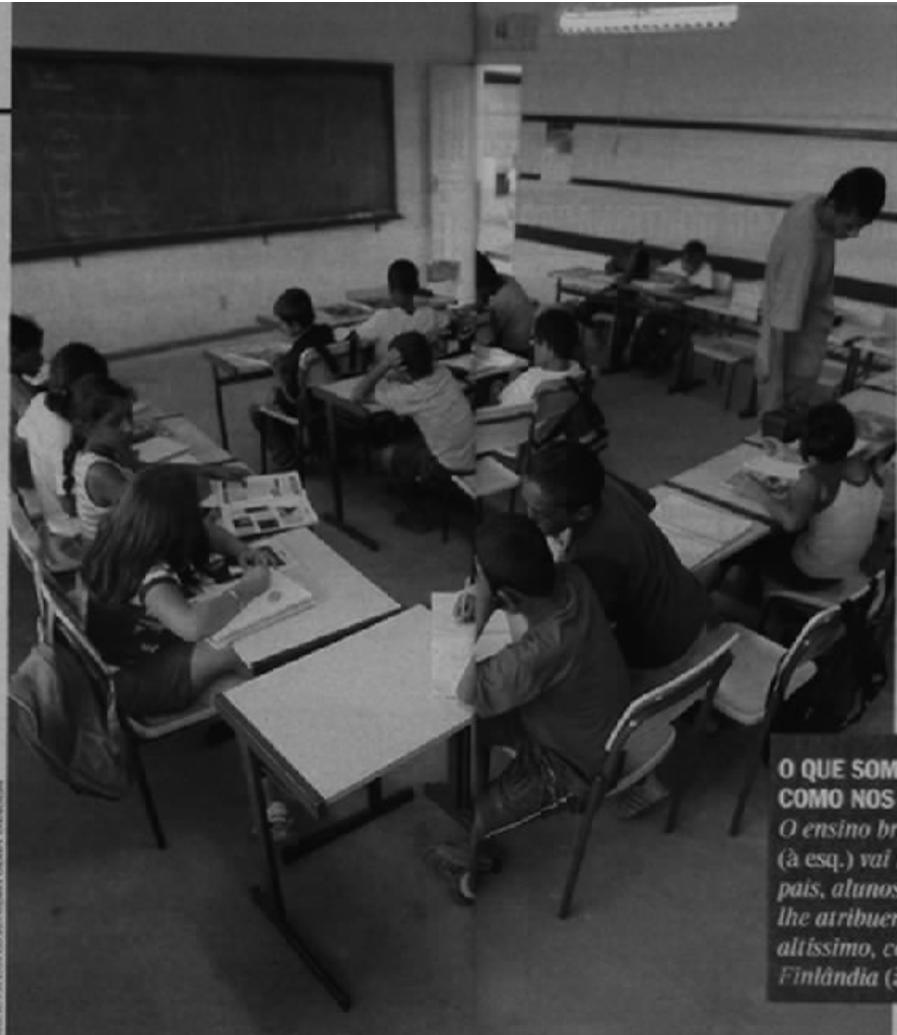
consideram bem preparados para a tarefa de ensinar. Como mostra a Carta ao Leitor desta edição, sob sua plácida superfície essa satisfação esconde o abismo da dura realidade — o ensino no Brasil é péssimo, está formando alunos despreparados para o mundo atual, competitivo, mutante e globalizado. Em comparações internacionais, os melhores alunos brasileiros ficam nas últimas colocações — abaixo da quinquagésima posição em competições com apenas 57 países.

A reportagem que se vai ler pretende chamar atenção para as raízes dessa cegueira e contribuir para que pais, professores, educadores e autoridades acordem para a dura realidade cuja reversão vai exigir mais do que todos estão fazendo atualmente — mesmo os que, como é o caso em especial dos pais, acreditam estar cumprindo exemplarmente sua função. Em *Procura da Poesia*, o grande Carlos Drummond de Andrade provê uma metáfora eficiente do que o desafio de melhorar a qualidade da educação exigirá da atual geração de brasileiros: “O que pensas e sentes, isso ainda não é poesia”. Uniformizar, alimentar, dar livros didáticos aos jovens e perguntar como foi o dia na escola é fundamental, mas isso ainda não é educação para o século XXI. “Chega mais perto e contempla as palavras. Cada uma tem mil faces secretas sob a face neutra e te pergunta, sem interesse pela resposta, pobre ou terrível, que lhe deres: Trouxeste a chave?”, continua nosso maior poeta, morto em 1987. Outra metáfora exata. Os jovens estudantes são como as palavras, com mil faces secretas sob a face neutra e esperando as chaves que lhes abram os portais de uma vida pessoal e profissional plena.

Isso só se conseguirá, como mostra a pesquisa encomendada por VEJA, quando o otimismo com o desempenho do sistema, que é também compartilhado pelos alunos, for transformado em radical inconformismo. A fagulha de mudança pode ser acendida com a constatação de que as escolas que pais, alunos e pro-

fessores tanto elogiam são as mesmas que devolvem à sociedade jovens incapazes de ler e entender um texto, que se embaralham com as ordens de grandeza e confiam cegamente em suas calculadoras digitais para não apenas fazer contas mas substituir o pensamento lógico. Mais uma vez abusa-se do recurso da generalização para que o mérito individual de alguns poucos não dilua a constatação de que o complexo educacional brasileiro é medíocre e não se enxerga como tal. Quando um conselho de notáveis americanos fez a célebre condenação do sistema de ensino do país (“parece ter sido concebido pelo pior inimigo dos Estados Unidos...”), as pesquisas de opinião mostravam que a maioria dos americanos estava plenamente satisfeita com suas escolas. A comissão viu mais longe e soou o alarme. Agora no Brasil o mesmo senso de realidade e urgência se faz necessário, como resume Claudio de Moura Castro, ensaísta, pesquisador e colunista de VEJA: “Uma crise, uma crise profunda. Só isso salva nossa educação”.

MAIS DADOS DA PESQUISA EM **veja.com**  
www.veja.com.br



**O QUE SOMOS E COMO NOS VEMOS**  
O ensino brasileiro (à esq.) vai mal, mas pais, alunos e professores lhe atribuem nível altíssimo, como o da Finlândia (à dir.)

**PARA ELLES, A FINLÂNDIA É AQUI**

Pais, professores e alunos fazem uma avaliação positiva das escolas públicas e particulares, segundo revela a pesquisa da CNT/Sensus. É um contraste em relação à realidade. Os números:

■ Você considera o ensino da sua escola (ou da de seu filho)...

■ No geral, os professores...

■ Você acha que a sua escola (ou a de seu filho)...

	PROFESSORES*		PAIS		ALUNOS	
	Escolas públicas	Escolas particulares	Escolas públicas	Escolas particulares	Escolas públicas	Escolas particulares
ótimo ou bom	60%	94%	63%	92%	68%	93%
regular	32%	6%	31%	8%	27%	6%
ruim ou péssimo	8%	-	6%	-	5%	1%
são adequadamente preparados para dar aula	90%	90%	68%	82%	74%	89%
são mais ou menos preparados para dar aula	5%	6%	21%	15%	17%	9%
não são adequadamente preparados para dar aula	5%	4%	11%	3%	9%	2%
prepara adequadamente para o futuro	58%	77%	62%	83%	61%	86%
não prepara adequadamente para o futuro	40%	20%	18%	5%	22%	6%
Sem opinião formada	2%	3%	20%	12%	17%	8%

PROFESSORES\* (escolas públicas e particulares)

■ O senhor se sente capaz de despertar a atenção dos alunos em sala de aula?



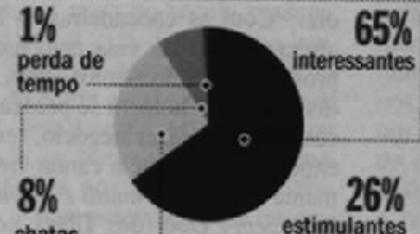
PAIS (escolas particulares)

■ O senhor acha que recebe um bom serviço em troca do que paga?



ALUNOS (escolas públicas e particulares)

■ Suas aulas são...



\*Auto-avaliação

**A realidade**

■ 22% dos professores do ensino básico não têm diploma universitário

■ O Brasil está em 52º lugar em ciências e em 53º em matemática — em uma lista de 57 países

■ 60% dos estudantes chegam ao fim da 8ª série sem saber interpretar um texto ou efetuar operações matemáticas simples

■ 16% repetem a 1ª série do ensino fundamental

Fontes: Inep/MEC e OCDE



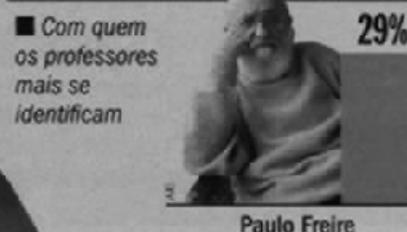
## EDUCAÇÃO OU DOCTRINAÇÃO?

### O PAPEL DA ESCOLA

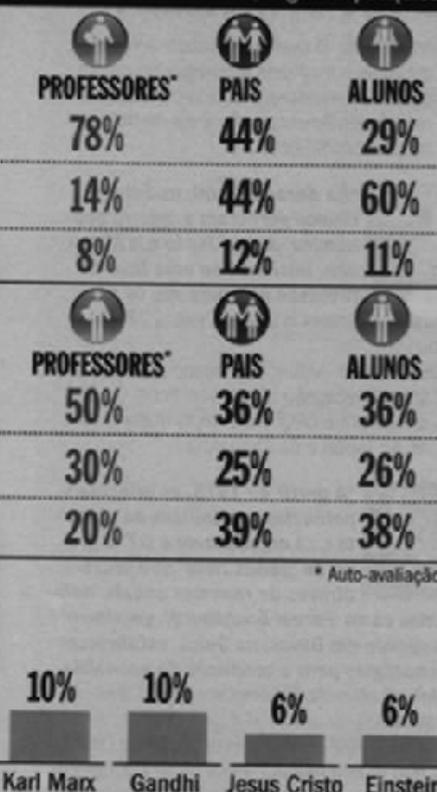
Qual é a principal missão da escola?	Formar cidadãos	78%
	Contribuir para a formação profissional	14%
	Ensinar as matérias	8%

### NA SALA DE AULA

Em sua opinião, o discurso dos professores é...	politicamente engajado	50%
	às vezes engajado	30%
	neutro	20%

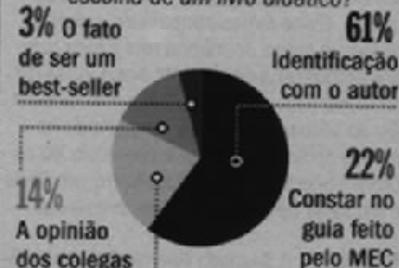


O que pais, alunos e professores de escolas públicas e particulares brasileiras pensam sobre o assunto, segundo pesquisa da CNT/Sensus

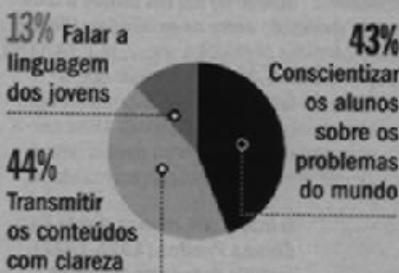


### A ESCOLHA DOS LIVROS (segundo os professores)

Qual fator mais contribui para a sua escolha de um livro didático?



O que o senhor considera mais importante no livro?



Algumas das figuras históricas e da atualidade mais citadas nas aulas e o contexto em que aparecem (segundo os estudantes)



# PRONTOS PARA O SÉCULO XIX

Muitos professores e seus compêndios enxergam o mundo de hoje como ele era no tempo dos tálburis. Com a justificativa de "incentivar a cidadania", incutem ideologias anacrônicas e preconceitos esquerdistas nos alunos

**T**ema para reflexão: vale a pena usar chocadeiras artificiais para acelerar a produção de frango? Deu-se com isso o início de uma das aulas de geografia no Colégio Ateneu Salesiano Dom Bosco, de Goiânia, escola particular que aparece entre as melhores do país em rankings oficiais. Da platéia, formada por alunos às vésperas do vestibular, alguém diz: "Com as chocadeiras, o homem altera o ritmo da vida pelo lucro". O professor Márcio Santos vibra. "Você disse tudo! O homem se perdeu na necessidade de fazer negócio, ter lucro, exportar." E põe-se a cantar freneticamente *Homem Primata / Capitalismo Selvagem / Ôôô* (dos Titãs), no que é acompanhado por um enérgico coro de

estudantes. Cena muito parecida teve lugar em uma classe do Colégio Anchieta, de Porto Alegre, outro que figura entre os melhores do país. Lá, a aula de história era animada por um jogral. No comando, o professor Paulo Fiovaranti. Ele pergunta: "Quem provoca o desemprego dos trabalhadores, gurizada?". Respondem os alunos: "A máquina". Indaga, mais uma vez, o professor: "Quem são os donos das máquinas?" E os estudantes: "Os empresários!". É a deixa para Fiovaranti encerrar com a lição de casa: "Então, quem tem pai empresário aqui deve questionar se ele está fazendo isso". Fim de aula.

Os dois episódios, ambos presenciados por VEJA, não são raridade nas

escolas brasileiras. Ao contrário. Eles exemplificam uma tendência prevalente entre os professores brasileiros de esquerdizar a cabeça das crianças. Parece bobagem, uma curiosidade até pitoresca num mundo em que a empregabilidade e o sucesso na vida profissional dependem cada vez mais do desempenho técnico, do rigor intelectual, da atualização do pensamento e do conhecimento. Não é bobagem. A doutrinação esquerdista é predominante em todo o sistema escolar privado e particular. É algo que os professores levam mais a sério do que o ensino das matérias em classe, conforme revela a pesquisa CNT/Sensus encomendada por VEJA. Pobres alunos.

Eles estão sendo preparados para

viver no fim do século XIX, quando o marxismo surgiu como uma ideologia modernizante, capaz não apenas de explicar mas de mudar o mundo para melhor, acelerando a marcha da história rumo a uma sociedade sem classes. Bem, estamos no século XXI, o comunismo destruiu a si próprio em miséria, assassinatos e injustiças durante suas experiências reais no século passado. É embaraçoso que o marxismo-leninismo sobreviva apenas em Cuba, na Coreia do Norte e nas salas de aula de escolas brasileiras. As chocadeiras produzem os frangos vendidos a menos de 5 reais nos supermercados brasileiros, e isso propicia a dose mínima de proteína a famílias que, de outra forma, estariam mal nutridas. A reali-

dade não interessa nas aulas como a do professor Márcio Santos. O que interessa? Passar a idéia de que as máquinas tiram empregos. Elas tiram? Tiraram no começo dos processos de robotização e automação de fábricas nos anos 90. Hoje, sem robôs e máquinas, os empregos nem sequer seriam criados. Mas dizer isso pode desagradar ao espírito do velho barbudo enterrado no novo Cemitério de Highgate, em Londres. Os professores esquerdistas veneram muito aquele senhor que viveu à custa de um amigo industrial, fez um filho na empregada da casa e, atacado pela furunculose, sofreu como um mártir boa parte da existência. Gostam muito dele, fariam tudo por ele, menos, é claro, lê-lo — pois Karl Marx é um autor rigoroso, complexo, profundo que, mesmo tendo apenas uma de suas idéias ainda levada a sério hoje — a Teoria da Alienação —, exige muito esforço para ser compreendido. "A salada ideológica resulta da leitura de



"CAPITALISMO SELVAGEM" Colégio Dom Bosco, de Goiânia: Tiúds e crítica às chocadeiras artificiais na aula de geografia

resumos dos grandes pensadores", diz o filósofo Roberto Romano. Gente que vê maldade em chocadeiras e mal em empresários que usam máquinas em suas fábricas no século XXI não pode ter lido Karl Marx. É de supor que não tenham lido muito, quase nada. Mas são esses senhores que ensinam nossos filhos nas melhores escolas brasileiras — sem, diga-se, que os pais se incomodem com isso.

A pesquisa CNT/Sensus ouviu 3 000 pessoas de 24 estados brasileiros, entre pais, alunos e professores de escolas públicas e particulares. Sua conclusão nesse particular é espantosa. Os pais (61%) sabem que os professores fazem discursos politicamente engajados em sala de aula e acham isso normal. Os professores, em maior proporção, reconhecem que doutrina os alunos e acham que isso é sua missão principal — algo muito mais vital do que ensinar a interpretar um texto ou ser um bamba em matemática. Para 78% dos professores, o discurso engajado faz sentido, uma vez que atribuem à escola, antes de tudo, a função de "formar cidadãos" — à frente de "ensinar a matéria" ou "preparar as

## EXEMPLOS DE FALHAS NA CARTILHA

VEJA examinou apostilas e 130 livros de história, geografia e português mais adotados por 2 000 escolas privadas do país. Cerca de 75% deles trazem informações distorcidas por miopias ideológicas, erros factuais ou ambos. Essas falhas atrapalham a compreensão lógica do mundo real e inculcam nos alunos uma visão hostil à economia de mercado e simpática ao comunismo, ideologia do século XIX, testada e reprovada na prática no século XX, e que no século XXI sobrevive apenas na Coreia do Norte, em Cuba e em salas de aula de escolas brasileiras.

**"A Segunda Guerra não só não resolveu os problemas econômicos e sociais como os aprofundou, lançando o mundo à beira de um ataque de nervos devido à crescente rivalidade entre os ex-allados, URSS e EUA"** (APOSTILA DE HISTÓRIA, VOL. 2, PÁG. 74, COC) **COMENTÁRIO** É absurdo ensinar que a II Guerra tinha como objetivo resolver problemas econômicos e sociais. Dizer que a economia mundial piorou depois dela é, simplesmente, falsificação da realidade.

**O mapa que mostra a rota da Coluna Prestes (1925-1927) inclui o estado do Tocantins** (APOSTILA DE HISTÓRIA 2007, PÁG. 63, OBJETIVO) **COMENTÁRIO** O estado de Tocantins só foi criado em 1988.

**"O governo FHC privatizou quase 70 estatais — entre elas, a própria Vale, o Banerj, o Banespa e a Telebras —, aumentando o desemprego (...)"** (HISTÓRIA DO BRASIL, PÁG. 585, ATUAL EDITORA) **COMENTÁRIO** As estatais privatizadas contrataram mais pessoas, aumentaram a qualificação e o salário dos empregados.

**"Basta apertar um botão, via internet, para desvalorizar a moeda e ocasionar desequilíbrios financeiros e instabilidade política em certo país (...)"** (GEOGRAFIA DO BRASIL, PÁG. 22, ED. MODERNA) **COMENTÁRIO** Simplificação tola produzida por má-fé e desconhecimento do funcionamento básico dos mercados internacionais de moeda.

**"Embora os robôs tenham trazido grande contribuição para o desenvolvimento industrial, o avanço da tecnologia contribuiu para o aumento do desemprego (estrutural) mundial"** (APOSTILA DE GEOGRAFIA, PÁG. 143, COC)

**COMENTÁRIO** O avanço da robótica resultou em mais e melhores empregos no médio prazo. O desemprego só é prevalente no mundo atualmente em países de baixa inserção tecnológica.

**"Na década de 80, os Estados Unidos perderam a 'guerra econômica' para o Japão e a Alemanha, iniciando-se uma fase de recessão que dura até os dias atuais"** (HISTÓRIA INTEGRADA, PÁG. 227, ED. OBJETIVO) **COMENTÁRIO** Antiamericanismo pedestre e falso. A recessão durou dois anos. Os EUA cresceram e cresceram a taxas maiores que as do Japão e da Alemanha.

**"A partir de 1975, as principais potências capitalistas do planeta (...) organizaram o G7, o grupo de 'países ricos' que procura, através de reuniões anuais, definidas como 'Fórum Econômico', geralmente realizado em Davos, na Suíça, estabelecer estratégias para a condução da economia global"** (APOSTILA DE HISTÓRIA, VOL. 1, PÁG. 4, PITÁGORAS) **COMENTÁRIO** O Fórum Econômico de Davos não é uma reunião anual do G-7. É um encontro organizado desde 1971 e reúne políticos, acadêmicos e celebridades mundiais de todas as tendências ideológicas.

**"Em setembro de 1973, após três anos de desgaste minuciosamente orquestrado pela direita chilena — com assessoria internacional —, uma quartelada depôs Allende, que foi executado pelos golpistas"** (DAS CAVERNAS AO TERCEIRO MILÊNIO 3, HISTÓRIA, PÁG. 195, ED. MODERNA) **COMENTÁRIO** O presidente Salvador Allende foi mesmo deposto por generais golpistas com a ajuda material e estratégica da CIA, mas desgastou-se pela própria incompetência e não foi assassinado. Suicidou-se.

**"Muitos agricultores e vaqueiros seguiram o Conselheiro para fugir da exploração e da miséria a que estavam submetidos pelos fazendeiros da região. (...) Nessa comunidade (Canudos) o trabalho e a produção eram divididos igualmente. Não havia cobrança de impostos nem polícia"** (HISTÓRIA, PÁG. 93, ED. MODERNA) **COMENTÁRIO** Euclides da Cunha, em Os Sertões, relata que Antônio Conselheiro era um psicopata que atraiu com sua pregação mística "um exército de gente infima e suspeita, avessa ao trabalho".



LIÇÃO DE CASA Colégio Anchieta, em Porto Alegre: o professor pede aos alunos que questionem os "pais empresários"

crianças para o futuro. Muito bonito se não estivessem nesse processo preparando os alunos para um mundo que acabou e diminuindo as chances de enfrentar a realidade da vida depois que saírem do ambiente escolar. Para atacar um problema, o primeiro passo é reconhecer sua existência. Esse é o mérito da pesquisa científica.

Adversária do ensino intelectual, a ideologização do ensino pode ser resultado em parte também do despreparo dos professores para o desempenho da função. No ensino básico, 52% lecionam matérias para as quais não receberam formação específica — 22% deles nunca frequentaram a faculdade. Para esses, os chavões e querda servem como uma espécie de muleta, um recurso a que se recorre em caso de falta de informação. "Repetir mais do que estudar e ler grandes obras. Por isso, a ideologização é mais comum e impera a ignorância", diz o historiador Marco Antonio Villa. A questão é exatamente nova na educação. Meio século atrás, a filósofa alemã Hannah Arendt já alertava para o equívoco de fazer das aulas um lugar para a doutrinação ideológica, qualquer que fosse o matiz. Em *A Crise na Educação*, ela dizia: "Em vez de (o professor) juntar-se a seus iguais, assumindo o esforço da persuasão e correndo o risco do fracasso, há a intervenção direta, baseada na absoluta superioridade do adulto".



**"Foi para acabar com as grandes diferenças sociais existentes na economia de mercado, originadas das profundas desigualdades entre patrões e empregados, que esses países (socialistas) adotaram a planificação da economia"** (GEOGRAFIA CRÍTICA, VOL. 2, PÁG. 47, ED. ÁTICA\*) **COMENTÁRIO** A planificação central da economia socialista é um dogma marxista-leninista que, na prática, criou profundas desigualdades entre comissários comunistas e o povo.

**"Entre 1994 e 1999, período de inúmeras privatizações, a dívida interna pública saltou de 108 para 328 bilhões (...)"** (DAS CAVERNAS AO TERCEIRO MILÊNIO, HISTÓRIA, PÁG. 286, ED. MODERNA) **COMENTÁRIO** A correlação é correta, mas o principal benefício esperado das privatizações não era pagar a dívida interna.

**"Garantir a cada brasileiro três refeições diárias é prioridade absoluta do presidente Luiz Inácio Lula da Silva. O programa Fome Zero foi criado em 2002 para combater a fome, a miséria e a exclusão social. Até o fim de 2003, o programa atendeu a 1 milhão e 600 mil famílias em áreas consideradas prioritárias"** (VIVÊNCIA E CONSTRUÇÃO, HISTÓRIA, PÁG. 149, ED. ÁTICA) **COMENTÁRIO** O trecho reproduz slogans oficiais — mas não deixa isso claro para os alunos.

**"O presidente João Goulart foi herdeiro fiel da Era Vargas. Durante seu governo, surgiram o cinema novo, a bossa nova e a esperança de um futuro melhor"** (APOSTILA DE ATIVIDADES DE PORTUGUÊS, PÁG. 25, COC) **COMENTÁRIO** A bossa nova e o cinema novo nasceram no governo Juscelino Kubitschek, na década anterior. Goulart governou em meio a greves, crises institucionais, com desemprego e inflação anual acima de 70%.

**"As políticas neoliberais agravaram as desigualdades econômicas e sociais em todo o mundo"** (PROJETO RADIX, HISTÓRIA, PÁG. 243, ED. SCIPIONE\*) **COMENTÁRIO** Falsificação. As políticas neoliberais tiraram quase 400 milhões de chineses da miséria. No Brasil e no Chile, criaram uma classe média majoritária.

**"Sob a vigência do comunismo, este país (Rússia) se impôs no cenário internacional como potência militar e industrial. Nos anos 1990, seu desenvolvimento e suas con-**

dições foram postas à prova ao serem submetidas ao capitalismo" (IDEM, PÁG. 277) **COMENTÁRIO** Com custo humano altíssimo e total desrespeito aos direitos individuais, nos últimos anos da década de 50 a antiga União Soviética teve momentos de hegemonia militar e industrial. As duas décadas seguintes foram de decadência, até o sucateamento total no fim dos anos 80. A derrocada do comunismo libertou os russos da ditadura e liberou as energias criativas das pessoas. Hoje o país cresce a taxas de 7% ao ano.

**"Os líderes (do G-8) querem que os demais países acreditem que a adoção de certas políticas globais beneficiaria a todos, diminuindo as diferenças entre ricos e pobres. Porém, na prática, o que se verifica é diametralmente o oposto a isso"** (GEOGRAFIA GERAL E DO BRASIL, PÁG. 317, ED. HARBRA) **COMENTÁRIO** A afirmação é enviesada. As políticas globais propostas pelo G-8 enriqueceram a população dos países pobres que as adotaram.

**"(Os países que compõem o G-7) tentaram estabelecer estratégias para interferir na educação e no sistema produtivo dos países em desenvolvimento, cumprindo o modelo de liberalismo econômico"** (APOSTILA DE GEOGRAFIA, PÁG. 115, COC) **COMENTÁRIO** O grupo dos sete países mais industrializados não tem poder para interferir nas políticas adotadas por nações em desenvolvimento.

**"Se há alguns anos os países ex-socialistas não eram rigorosamente subdesenvolvidos — pois eliminaram a dependência provocada pelas empresas estrangeiras e as violentas desigualdades sociais —, hoje vêm crescer novamente muitas características de subdesenvolvimento"** (GEOGRAFIA CRÍTICA, VOL. 3, PÁG. 65, ED. ÁTICA) **COMENTÁRIO** Nenhum país ex-socialista está em pior situação agora do que quando era submetido ao centralismo econômico e político comunista.

**"A realidade demonstrou que as medidas neoliberais dos últimos governos agravaram a miséria e a concentração de renda do país. (...) No ranking do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), o Brasil ficou em 72º lugar"** (DAS CAVERNAS AO TERCEIRO MILÊNIO, HISTÓRIA, PÁG. 290, ED. MODERNA) **COMENTÁRIO** Só no ano passado 6 milhões de brasileiros saíram da miséria. O país reduziu a desigualdade e ingressou na lista dos países com alto desenvolvimento humano.



**ÓDIO ÀS MÁQUINAS** Na sala de aula e nos livros, a tecnologia recebe a culpa pelo aumento do desemprego no mundo

Ao refletirem sobre o atual cenário, os especialistas concordam com a idéia central da filósofa. Está claro, e a própria experiência mostra isso, que o viés político retira da escola aquilo que deveria, afinal, ser seu atributo número 1: ensinar a pensar — verbo cuja origem, do latim, significa justamente pesar. Diz o sociólogo Simon Schwartzman: “O verdadeiro exercício intelectual se faz ao colocar as idéias e os juízos numa balança, algo que só é possível com uma ampla liberdade de investigação e de crítica”.

Não é o caso na maioria das salas de aula. Muitos professores brasileiros se encantam com personagens que em classe mereceriam um tratamento mais crítico, como o guerrilheiro argentino Che Guevara, que na pesquisa aparece com 86% de citações positivas, 14% de neutras e zero, nenhum ponto negativo. Ou idolatram personagens arcaicos sem contribuição efetiva à civilização ocidental, como o educador Paulo Freire, autor de um método de doutrinação esquerdista disfarçado de alfabetização. Entre os professores brasileiros ouvidos na pesquisa, Freire golea o físico teórico alemão Albert Einstein, talvez o maior gênio da história da humanidade. Paulo Freire 29 x 6



**“Dos chamados mercados emergentes, como a China e a Índia, o Brasil é o único que (...) aderiu totalmente ao neoliberalismo, o que provocou a desarticulação de setores estratégicos e a perda de conquistas econômicas e sociais”** (GEOGRAFIA DO BRASIL, PÁG. 26, ED. MODERNA)

**COMENTÁRIO** Com 40% da riqueza nacional nas mãos do estado, o maior empregador do país, gastos sociais generosos e despesa pública que cresce acima da variação do PIB, o Brasil está para o neoliberalismo assim como Amy Winehouse está para a temperança.

**“No plano internacional, a vitória da Revolução Cubana fez surgir a discussão sobre as relações de força entre as grandes nações e aguçou nos países do Terceiro Mundo a consciência da necessidade de independência em relação aos Estados Unidos e à União Soviética”** (PORTUGUÊS: LINGUAGENS, PÁG. 540, ATUAL EDITORA)

**COMENTÁRIO** O movimento dos países “não-alinhados” a que se refere o autor nasceu quatro anos antes do triunfo da Revolução Cubana. Nenhuma nação dependeu tanto de outra quanto a Cuba de Fidel Castro da União Soviética.

**“A reestruturação do estado chinês envolve (...) o fim de uma série de benefícios sociais, como o sistema socialista de habitação gratuita. Isso está provocando um aumento do desemprego”** (GEOGRAFIA — HOMEM & ESPAÇO, PÁG. 215, ED. SARAINA)

**COMENTÁRIO** A abertura da economia enriqueceu a China e a taxa de desemprego caiu pela metade nos últimos três anos.

**“A China era um dos países mais pobres do mundo e as mudanças instaladas e estruturadas por Mao Tsé-Tung promoveram o crescimento econômico do país”** (GEOGRAFIA, PÁG. 217, ED. QUINTETO EDITORIAL)

**COMENTÁRIO** Sob Mao Tsé-tung, 30 milhões de chineses foram assassinados e outros 70 milhões morreram de fome.

**“A globalização reproduz e aprofunda as antigas desigualdades sociais: parcela significativa da população mundial é excluída do consumo de bens e serviços essenciais”** (PROJETO DE ENSINO DE GEOGRAFIA, PÁG. 79, ED. MODERNA)

**COMENTÁRIO** Parcela significativa da população mundial sempre esteve excluída do consumo de bens e serviços essenciais. A globalização do sistema capitalista de economia de mercado aliada à democra-

cia burguesa diminuiu o número de pobres no mundo de 56% da população para 23%.

**“Após uma notícia sobre a invasão e depredação da Câmara pelos sem-terra” “O que justifica o Congresso Nacional tornar-se, na atualidade, alvo das reações de movimentos rurais e urbanos?”** (APOSTILA DE HISTÓRIA, VOL. 2, PÁGS. 18-19, PITÁGORAS)

**COMENTÁRIO** Incitação ao crime. Pede ao pobre do aluno que encontre justificativas para uma ação de vandalismo inaceitável em uma sociedade democrática, na qual existem métodos legais e legítimos de protesto.

**“Os interesses das grandes empresas multinacionais, de um jeito ou de outro, guiaram a evolução dos países, ultrapassando as fronteiras e sobrepujando a economia dos estados”** (GEOGRAFIA DO BRASIL, PÁG. 20, ED. MODERNA)

**COMENTÁRIO** Em países democráticos, em que as instituições funcionam, as multinacionais não têm poder de ditar rumo nenhum. Elas, sim, contribuem para o crescimento, ao atrair investimentos, aumentar a arrecadação de impostos e criar empregos.

**“Por meio da televisão, as empresas transformam as unidades familiares em consumidoras de seus produtos e estabelecem padrões de comportamento”** (CONSTRUINDO A GEOGRAFIA, PÁG. 133, ED. MODERNA)

**COMENTÁRIO** Os espectadores são reduzidos a seres desprovidos de vida inteligente.

**“Sem dúvida, a chamada sociedade de consumo, na qual, para ser feliz, não basta consumir o necessário, mas, se possível, também o supérfluo, acabou por conferir às relações do homem com o meio ambiente um caráter extremamente agressivo”** (GEOGRAFIA, ENSINO MÉDIO, 2ª EDIÇÃO, PÁG. 171, ED. ÁTICA)

**COMENTÁRIO** O autor poderia esclarecer primeiro qual sociedade não é de consumo. A comunista? Nenhum regime conseguiu poluir mais a terra, a água e o ar do que o comunista.

**“O texto que você vai ler agora expõe uma tese muito interessante sobre as razões pelas quais surgiu a fábrica. (...) Sua função primordial foi mais social e política do que técnica e econômica. Tratava-se de uma forma de impor o controle do capitalista sobre os operários e sobre todo o processo produtivo”** (HISTÓRIA MODERNA E CONTEMPORÂNEA, ENSINO MÉDIO, PÁG. 103, ED. ÁTICA)



**CONSUMO, ESSE VILÃO** Na cartilha, as sociedades de consumo se prestam a estimular a futilidade e poluir o ambiente

Einstein. Só isso já seria evidência suficiente de que se está diante de uma distorção gigantesca das prioridades educacionais dos senhores docentes, de uma deformação no espaço-tempo tão poderosa que talvez ajude a explicar o fato de eles viverem no passado.

Entre as figuras históricas e da atualidade mais citadas em classe está, como não poderia deixar de ser, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva. As referências a Lula são contidas. O presidente brasileiro obtém aprovação menor entre os professores, segundo relatam os estudantes, do que aquela com que a sociedade brasileira em geral o brinda. Ele tem 70% de avaliação positiva dos brasileiros, mas na boca dos professores esse índice cai para 30% — com 27% de citações negativas e 43% de neutras. Ressalte-se aqui que é um ponto louvável para os mestres o fato de, como mostram os números relativos a Lula, eles não fazerem proselitismo eleitoral em classe — mesmo que seja preciso relevar o fato de o ditador venezuelano Hugo Chávez ter merecido 51% de citações positivas. A neutralidade e o comedimento em relação a Lula desautorizam a interpretação de que os professores tentam direcionar o voto dos alunos, o que seria desastroso. É sinal de que



**COMENTÁRIO** O texto que você vai ler agora expõe uma tese muito interessante sobre o autor das besteiras acima: a função social do parágrafo escrito por ele é tentar esconder com verborragia sua própria preguiça e ignorância sobre os processos econômicos. Karl Marx teria prazer em esganar o autor.

**“Capitalismo: é um regime econômico baseado na propriedade privada dos meios de produção e distribuição, na livre concorrência entre as empresas, na procura do lucro pelo empresário (...) e na exploração dos trabalhadores pelos capitalistas”** (HISTÓRIA E VIDA, VOL. 2, PÁG. 230, ED. ÁTICA)

**COMENTÁRIO** No fim do século XIX faria sentido. A maioria das empresas atuais tem como donos milhares e até milhões de acionistas, e muitos deles são os próprios trabalhadores.

**“Os guerrilheiros (do Araguaia) estabeleceram-se junto aos camponeses, ensinando-lhes método de cultivo e cuidados com a saúde”** (APOSTILA DE HISTÓRIA I, 2007, PÁG. 11, OBJETIVO)

**COMENTÁRIO** É entronização do princípio leninista de que é preciso ensinar o povo a ser povo. Os pobres agricultores do Araguaia não teriam sido mortos nem torturados se não tivessem sido recrutados pelos guerrilheiros para servir de bucha de canhão.

**“Muitos trabalhadores perceberam (na Revolução Industrial) que a luta do movimento operário não devia ser dirigida contra a máquina, mas contra o sistema de injustiças criado pelo capitalismo industrial”** (HISTÓRIA GLOBAL, PÁG. 279, ED. SARAINA)

**COMENTÁRIO** O capitalismo não inventou a injustiça. O capitalismo durante a Revolução Industrial tirou da pobreza nove de cada dez miseráveis da Europa.

**“A primeira experiência concreta de aplicação das idéias socialistas ocorreu na Rússia, com a Revolução de 1917. (...) Para consolidar o domínio sobre as áreas mais distantes foram feitas maciças migrações de russos com incentivo do Estado”** (APOSTILA DE GEOGRAFIA, PÁGS. 156-157, ANGLIO)

**COMENTÁRIO** A mentira a serviço da ideologia. O que o autor chama de “migrações de russos com incentivo do estado” foram, na verdade, deportações em massa de pessoas inconvenientes transportadas em vagões de gado. O domínio russo sobre a Ucrânia provocou a mais devastadora epidemia de fome da história, com a morte de 4 milhões de pessoas.

**“Os meios de comunicação de massa são formadores de opinião, que divulgam apenas as idéias de seu interesse”** (GEOGRAFIA, PÁG. 42, ED. QUINTETO EDITORIAL)

**COMENTÁRIO** O autor está em boa companhia. Foi exatamente essa a justificativa dada pelo ditador Fidel Castro ao fechar os jornais em Cuba e lançar o órgão monopolista oficial de “formação política”, o diário *Granma*.

**“Para muitos estudiosos, o modelo de desenvolvimento capitalista, baseado em inovações tecnológicas, na busca do lucro e no aumento contínuo dos níveis de consumo, precisa ser substituído por outro, que leve em consideração os limites suportáveis da natureza e da própria vida”** (ESPAÇO E VIVÊNCIA, GEOGRAFIA, PÁG. 43, ATUAL EDITORA)

**COMENTÁRIO** Se há alguma esperança de poluir menos a natureza, ela está na criatividade e no ritmo de inovações propiciadas pela economia de mercado.

**“Che Guevara poderia ter seguido carreira em Buenos Aires, numa clínica para pessoas abastadas. Hoje talvez fosse um homem de respeito, com gorda conta bancária, eleitor da direita. Mas Che Guevara preferiu outro caminho. Seu lado era o dos humilhados e ofendidos”** (NOVA HISTÓRIA CRÍTICA, PÁG. 806, ED. NOVA GERAÇÃO)

**COMENTÁRIO** Tolice. Che Guevara poderia ter se dedicado aos estudos médicos e descoberto uma vacina contra a malária. Assim teria ajudado muito mais “humilhados e ofendidos” do que o fez na sua carreira de guerrilheiro, que só beneficiou os fabricantes de camisetas.

**“Muitos deles (judeus) tinham ideais socialistas, e foram os responsáveis pela construção dos kibbutzim, comunidades rurais em que todos trabalhavam e dividiam fraternalmente o resultado do esforço. Uma espécie de minimundo socialista cheio de harmonia e entusiasmo. Quem sabe, Deus os havia escolhido para mostrar ao mundo como todos os homens devem viver?”** (IDEM, PÁG. 616)

**COMENTÁRIO** Ignorância em estado bruto. O sincretismo entre socialismo e religião vende a falsa idéia de que comunismo é harmonia, entusiasmo, união comunitária em torno de um ideal sadio na construção de um novo homem. Bonito no papel. Na prática, produziu servidão, caos e miséria.

**Especialistas consultados:** os economistas Mailson da Nóbrega e Sérgio Vale; o filósofo Roberto Romano; os historiadores Marco Antonio Villa e Octaciano Nogueira

# A NEUTRALIDADE COMO DEVER



## CONTRÁRIOS À DOCTRINAÇÃO

O advogado Miguel Nagib (sentado) fundou a ONG Escola Sem Partido, junto com outros pais: todos acharam na cartilha dos filhos exemplos de ideologia

sua pregação, mesmo equivocada, se mantém no nível das idéias — o que é excelente.

“Eu e todos os meus colegas professores temos, sim, uma visão de esquerda — e seria impossível isso não aparecer em nossos livros. Faço esforço para mostrar o outro lado”, diz a geógrafa Sonia Castellar, que há vinte anos dá aulas na faculdade de pedagogia da Universidade de São Paulo (USP) e escreveu *Geografia*, um dos best-sellers nas escolas particulares (livro que tem dois de seus trechos comentados por VEJA na reportagem seguinte). “Reconheço o viés esquerdista nos livros e apostilas, fruto da formação marxista dos professores. Mas não temos nenhuma intenção de formar uma geração de jovens socialistas”, diz Miguel Cerezo, responsável pelo conteúdo publicado nas apostilas do COC (de onde foram extraídos quatro trechos comentados pela revista). À luz de outra pesquisa em profundidade feita pelo Ibope em colaboração com a revista *Nova Escola*, editada pela Fundação Victor Civita, os professores da rede pública revelam que, para eles, o principal problema da sala de aula é, de longe (77%), a ausência dos pais no processo educativo. Repousam na co-

laboração entre pais e professores a correção dos rumos do ensino no país e a aceleração da curva de melhora de desempenho que começa a se desenhlar. A questão do excesso de ideologização é um desses problemas que podem ser abordados em conjunto por pais e professores. Demanda para o diálogo existe. O advogado Miguel Nagib fundou, há quatro anos, em Brasília, a ONG Escola Sem Partido, com o objetivo de chamar atenção para a ideologização do ensino na sala de aula. Nagib se incomodou com os sinais do problema na escola particular de sua filha, então com 15 anos, onde o professor de história gostava de comparar Che Guevara a São Francisco de Assis. Foi ao colégio reclamar. Diz Nagib: “As escolas precisam ficar sabendo que muitos pais não concordam com essa visão”. ■

COM REPORTAGEM  
DE CAMILA ANTUNES  
E MARCOS TODESCHINI

A pesquisa realizada pela CNT/Sensus e publicada nesta VEJA marca um verdadeiro divisor de águas na história da discussão educacional brasileira. Porque aqui pela primeira vez se perguntou à sociedade brasileira — os alunos da escola pública e seus pais — qual é o tipo de ensino que ela quer. E a resposta foi clara, e claramente antagonista ao sentimento de missão e às práticas dos professores: 70% dos alunos das escolas públicas acham que a função da escola é “preparar para o futuro” ou “ensinar as matérias”. Só 28% defendem “a formação do cidadão”. Alguém vai dizer: mas os alunos são demasiado jovens e não sabem o que querem. O.k. Mas seus pais estão do mesmo lado: uma maioria de 56% espera que a escola “ensine as matérias” e dê “formação profissional” aos seus filhos.

Sabendo que, em uma população de 190 milhões de habitantes, temos mais de 50 milhões de alunos no ensino básico e aproximadamente 100 milhões de pais desses alunos e apenas 2 milhões de professores, e sabendo que vivemos em uma democracia, a pergunta que se impõe a todo professor, diretor, secretário municipal, estadual ou ministro da Educação do país de agora em diante é: como se pode justificar que uma minoria imponha sobre a maioria a sua visão da educação? Em uma sociedade democrática, quem decide que tipo de educação será oferecido no sistema público: o público ou as corporações do setor? Como se justifica que professores e administradores escolares ditem uma política educacional à revelia dos desejos expressos da sociedade brasileira? A educação para a cidadania não pressupõe, afinal, o respeito à vontade coletiva e a valorização da sabedoria popular?

Quando se discutem as razões pelas quais nosso sistema escolar não consegue ensinar a maioria dos alunos a ler e a escrever ou a realizar operações aritméticas simples, muitos supostos fatores vêm à baila: o salário dos professores, a condição da infra-estrutura das escolas, o descaso da sociedade etc. Essa análise parte do pressuposto de que todos os atores do processo educacional estão engajados no mesmo projeto, o que não é verdade. Seguimos ignorando um problema que me parece cada vez mais crucial: o ensino acadêmico é percebido pelos nossos professores como uma tarefa desimportante do processo educacional. Quando instado, em pesquisa da Unesco, a apontar as finalidades mais importantes da educação, o professorado brasileiro disse o seguinte: com 72% dos votos, a campeã foi “formar cidadãos conscientes”. A segunda mais lembrada foi “desenvolver a criatividade e o espírito crítico” (60,5%). Lá atrás, na rabeira, apareceram “proporcionar conhecimentos básicos” (8,9%) e “transmitir conhecimentos atualizados e relevantes” (17%). No mesmo levantamento, 73% dos professores concordaram com a afirmação que segue: “O professor deve desenvolver a consciência social e política das novas gerações”. Cinquenta e cinco por cento rejeitam a idéia de que “a atividade docente deve reger-se pelo princípio da neutralidade política”. Mais de 75% dos professores acham que a igualdade é um valor superior à liberdade. A pesquisa CNT/Sensus publicada nesta edição corrobora esse quadro: só 18% dos professores da escola pública dizem que seu discurso em sala de aula é politicamente neutro. Setenta e quatro

“

A pesquisa CNT/Sensus publicada nesta edição corrobora esse quadro: só 18% dos professores da escola pública dizem que seu discurso em sala de aula é politicamente neutro. Setenta e quatro por cento escolhem ‘formar cidadãos’ como missão do professor — apenas 8,4% dizem que é ‘ensinar a matéria’. Os resultados são praticamente idênticos nas escolas particulares

”

por cento escolhem “formar cidadãos” como missão do professor — apenas 8,4% dizem que é “ensinar a matéria”. Os resultados são praticamente idênticos nas escolas particulares.

É triste constatar que o pendur atingiu o nível de formação de políticas públicas e, como tal, virou uma questão sistêmica. Na avaliação que o MEC faz dos livros didáticos que serão escolhidos para todas as escolas do país, a obra ganha pontos se mostrar preocupação com a questão da cidadania. Não apenas na área de humanas, mas também em ciências e matemática. Na avaliação de livros didáticos de ciências do ensino fundamental, por exemplo, há seis itens. Um deles é “cidadania e ética”. Lá está dito que o livro deve incentivar a “valorização do debate sobre direitos do trabalhador e do cidadão” e que se deve atentar “à relação entre conhecimento popular e científico, com respeito e valorização de ambos”. Não sei muito bem o que isso quer dizer, mas imagino que, se perguntarem a um aluno numa prova a razão da existência das chamadas “estrelas cadentes”, ele tirará 10 se responder que é para atender aos três desejos da vizinha. Se complementar dizendo que os três desejos são uma conquista da cidadania, aí então será 10 com louvor.

Acho que a formação política de cada um é sua prerrogativa individual, sujeita apenas à interferência dos pais. Não é para ser condenada ou legitimada na escola. Mesmo que os pais não pratiquem sua prerrogativa, isso não dá ao professor o direito de se assenhorar da tarefa. Não acredito que a maioria dos professores brasileiros, com seu baixo preparo intelectual, tenha condições de oferecer ao

aluno a exposição complexa e multifacetada que as questões inerentes à formação da cidadania exigem. Vira panfletagem. Também não acredito no poder do discurso dissociado da prática. Se essas razões são válidas para qualquer tipo de escola, creio que as regras deveriam ser ainda mais rigorosas para as escolas públicas, nas quais o aluno não tem condições de optar por escola diferente. Aqui o texto de referência é de Max Weber, em “Wissenschaft als Beruf” (A Ciência como Vocação). Falando sobre o dever de neutralidade dos professores universitários — creio que não lhe passaria pela cabeça que pudesse ocorrer como no Brasil de hoje a politização de alunos de 10 anos de idade —, Weber disse: “Só se pode exigir do professor que tenha a integridade intelectual para ver que uma coisa é declarar fatos, determinar as relações matemáticas ou lógicas ou a estrutura interna de valores culturais; outra coisa é responder a questões sobre o valor da cultura e seus componentes individuais e como alguém deve agir na comunidade cultural e em associações políticas. Se ele perguntar por que não deve lidar com os dois tipos de problema em sala de aula, a resposta é: porque o profeta e o demagogo não pertencem ao espaço acadêmico. (...)” Uma discussão político-ideológica profícua pressupõe a igualdade de poder entre os participantes. A relação professor-aluno é totalmente assimétrica: se o aluno questionar as convicções de seu mestre, correrá o risco de sofrer represálias, enquanto o oposto é impossível. Pela mesma razão que o estado é laico, as aulas do estado também deveriam ser politicamente neutras.